

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

LUAN DANIEL DE MELO ROSA

***AS CANÇÕES EM MIM:
(Re)descobrimo as canções através das conexões afetivas***

**PORTO ALEGRE
2024**

LUAN DANIEL DE MELO ROSA

AS CANÇÕES EM MIM:

(Re)descobrimo as canções através das conexões afetivas

Projeto de graduação em Música Popular
apresentado ao Departamento de Música do
Instituto de Artes da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Música

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciana Prass

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Rosa, Luan
As Canções em Mim: (Re)descobrimo as canções
através das conexões afetivas / Luan Rosa. -- 2024.
44 f.
Orientador: Luciana Prass.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2024.

1. Música Popular. 2. Composição. 3. Arranjo
Musical. 4. Produção Musical. I. Prass, Luciana,
orient. II. Título.

**Aos meus avós, Ourique e Otalvina,
pelo amor mais puro. Amo vocês ontem,
amanhã e sempre.**

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Margarida, pelo apoio, investimento e incentivo incondicionais. Por ter embarcado comigo em todas as aventuras e loucuras que inventei em minha jornada de descoberta musical. Por ter segurado as pontas nos momentos de adversidade, por ser uma mãe absolutamente maravilhosa, generosa e compreensiva. Por nossa amizade à qual cultivamos com carinho, que cresce mais e mais a cada dia, da qual tenho o maior amor, orgulho e gratidão.

Ao meu pai, Rogério, por ter sido meu primeiro professor de música, por todas as maravilhosas canções que formaram o músico e a pessoa que sou hoje, por ser uma de minhas primeiras, se não, a primeira referência na música. Por todas as vezes em que juntos fomos ao estádio Beira-Rio para apoiar nosso amado Sport Club Internacional. Pela amizade à qual tenho muito amor e gratidão.

À minha parceira de vida, Dy Ferranddis por todo amor, companheirismo, apoio, compreensão, acolhimento, incentivo e incontáveis contribuições para que eu chegasse nesse momento. Sem ela, talvez não estivesse escrevendo o presente trabalho.

Ao meu amigo e parceiro Nychollas, pela parceria na caminhada da música e por generosamente ter emprestado sua musicalidade idealizando e gravando a bateria de *Inerte*.

Ao meu amigo, Renato Mujeiko, pelos retornos dados sobre as minhas composições, pelos ensinamentos e por ser uma de minhas referências na música.

Aos professores do curso de Música Popular pela maravilhosa jornada.

À Luciana Prass pela orientação sensível e acolhedora.

RESUMO

O presente Projeto de Graduação em Música Popular consiste na composição e pré-produção de dois fonogramas de criação própria e duas canções significativas para mim. Neste memorial descritivo discorro sobre as histórias e as pessoas que inspiraram as músicas, ao mesmo tempo que abordo questões técnicas e subjetivas relativas aos desdobramentos do processo. A pré-produção dos fonogramas foi realizada no Sótão, meu *home studio*, no período compreendido pelo segundo semestre de 2023 até os dois primeiros meses de 2024. Ainda que as composições tenham origem que antecede meu ingresso na universidade, tenho absoluta convicção que o processo de elevá-las à nível de pré-produção será significativamente atravessado pelas vivências e pelas pessoas que encontrei em meu período da graduação. Sendo assim, as canções apresentadas no presente trabalho, são a resultante dos caminhos, pessoas e subjetividades vivenciadas antes e a partir de meu ingresso no curso de música, com habilitação em Música Popular, da UFRGS..

Palavras-chave: Música Popular, Composição, Arranjo Musical, Produção Musical.

ABSTRACT

The current Undergraduate Project in Popular Music involves the composition and pre-production of two original sound recordings and two personally significant songs. In this descriptive memorandum, I elaborate on the stories and individuals that inspired the music, while addressing technical and subjective aspects related to the unfolding of the process. The pre-production of the sound recordings took place in the Attic, my home studio, during the period from the second semester of 2023 to the first two months of 2024. Although the compositions have origins predating my enrollment in university, I am absolutely convinced that the process of elevating them to the level of pre-production will be significantly influenced by the experiences and people in my academic journey. Therefore, the songs presented in this work are the result of the paths, individuals, and subjectivities experienced both before and since my enrollment in the course.

Keywords: Popular Music, Composition, Musical Arrangement, Music Production.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 9

CAPÍTULO UM - AS COMPOSIÇÕES, 16

1.1. inerte, 17

1.2. o pescador, 24

CAPÍTULO DOIS - O SÓTÃO, OS EQUIPAMENTOS E AS PRÉ-PRODUÇÕES, 31

2.1. o sótão, 31

2.2. os equipamentos, 32

2.3. as pré-produções, 33

2.4. inerte, 33

2.5. o pescador, 39

2.6. margarita, 41

2.7. como? ,43

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 44

REFERÊNCIAS, 45

introdução

A origem da minha relação com a música começa como a maioria das histórias, através de meus pais. Minha mãe, Margarida, sempre foi uma pessoa que teve relação especial com a música, em uma família que só ela possuía esse interesse. Ela era a menina que colecionava discos de vinil (essa coleção se encontra até hoje com ela, em um armário abarrotado das mais diversas capas) e era apaixonada pelo Guilherme Arantes. Quando ela tinha aproximadamente 17 anos de idade, ganhou de meu avô, Carlos, um violão Giannini de nylon - violão esse que cruzou meu caminho alguns anos depois quando o utilizei para realizar a prova específica que resultou no meu ingresso no curso de Música Popular da UFRGS- e chegou a prestar o vestibular para cursar música na UFRGS, no último ano em que ainda não se exigia a realização da prova específica. Minha mãe entrou no curso sob a perspectiva de uma mulher jovem que amava música e tinha como objetivo principal, aprender a tocar violão. Acredito que ela tenha se deparado com outra realidade quando ingressou na universidade para estudar música e não teve a mesma sorte que eu de ser amparada por um curso de Música Popular e após ter cursado aproximadamente dois semestres, não foi adiante no curso. Por ter a habilidade natural das ciências exatas, acabou por se formar em Estatística, na mesma universidade.

Minha mãe sempre foi grande incentivadora da minha relação com a música, uma das maneiras que ela encontrou para expressar isso foi me fornecendo todo e qualquer instrumento que já tive curiosidade de experimentar nesta vida, como bateria (dentro de um apartamento sem absolutamente nenhum isolamento acústico), bandolim, baixo de 6 cordas (sim, não me orgulho disso mas o momento Dream Theater aconteceu por um breve espaço de tempo), ukulele, violão de 12 cordas, uma Gibson Flying-V, uma SG de mesma marca e uma lista infindável que minha memória não permite lembrar. Em resumo, se tivesse mantido posse de todos os instrumentos que ganhei de minha mãe, poderia facilmente abrir uma loja de instrumentos musicais que iria competir com as lojas no mercado de Porto Alegre hoje. Como se não bastasse, quando meus pais se separaram, fomos morar em uma casa de dois andares na Zona Sul da cidade, minha mãe mandou construir um sótão. Em um dos três quartos da casa, ela mandou colocar sonex em absolutamente tudo, à partir daí, quando chegava da escola, passava o dia inteiro no sótão e no quarto isolado com instrumentos no colo. Sou muito grato a ela por sempre ter embarcado nas minha loucuras e ter me proporcionado experiências que poucas crianças da minha idade possuem em nosso sofrido

país, sou um privilegiado economicamente e por ter nascido filho de Margarida. Obviamente, parte importante do meu DNA musical vem de minha mãe, pois diferente de mim, a música floresceu nela sem a semente familiar.

Meu pai, Rogério, acabou indo mais a fundo nessa história de música.

Em meados dos anos 70, no início da adolescência, eu acompanhava meus primos e minha irmã, mais velhos, nas reuniões dançantes do clube Riograndense, próximo à minha casa. Como era ainda muito criança para a maioria das garotas no baile, eu aproveitava para ficar observando a performance do “conjunto musical”, denominação dada naquele tempo àquilo que hoje conhecemos por “banda”. Ainda havia grupos de baile de ótima qualidade, antes de serem quase todos dizimados pelo fenômeno “disco”, que logo surgiria. Alguns, como Impacto, Desenvolvimento, Alma e Sangue, Boínas Azuis, Sound Machine, lembrados até hoje com saudade pelos jovens porto-alegrenses daquela época, apresentavam-se regularmente no Riograndense. E foi ali que ouvi pela primeira vez a inesquecível canção de Neil Sedaka, “Laughter in the rain”, assim como muitos outros sucessos que viriam a se tornar clássicos do pop internacional. Era simplesmente mágico! Eu ficava ali, na frente do palco, completamente hipnotizado, como se o tempo ficasse suspenso por algumas horas. Aqueles músicos, para mim, eram deuses, e eu ficava imaginando se seria possível que algum dia eu também pudesse subir em um palco para produzir música. Acho que no fundo eu já sabia que era esse o meu destino. De fato, havia motivos concretos para suspeitar disso. Quando ainda mal sabia falar, empunhando um violão de plástico, a criança extremamente tímida juntava gente e se transformava em extrovertido cantor, mostrando o “Calhambeque” de Roberto Carlos, ainda mais se a recompensa fosse um punhado de moedas ou uma barra de chocolate. Ou como quando, nos tempos de primário, fazia a enceradeira da mãe de microfone para imitar, dentro do quarto, os trejeitos do ídolo da jovem guarda ao interpretar “Detalhes”. Quando anos mais tarde fui apresentado à obra dos Beatles, a banda inglesa já não existia há algum tempo, mesmo assim a paixão foi imediata e avassaladora. Foi o que bastou para que eu pedisse à família de presente de Natal um violão de verdade. A partir de então, nunca mais desgrudei do instrumento. Minhas influências dentro da música são muitas, passando por Chico Buarque, Tom Jobim, Stevie Wonder, mas nenhuma é tão forte quanto à do quarteto de Liverpool, justamente porque despertei para o trabalho deles no momento em que estava nascendo como músico. Dentro da música, me auto defino como um escafandrista. De um modo geral, as canções acabam ingressando de modo um tanto quanto ‘homeopático’ na minha memória musical/emocional, então normalmente acabam por me arrebatar apenas depois de ouvi-las por anos a fio. É por essa razão que me agrada tanto ir buscar, para o trabalho da banda, no fundo de um mar de canções, aquelas que conheço há 20 anos ou mais; acho que isso ocorre porque nessa fase já estão integradas completamente ao meu patrimônio emocional. Há músicos que, durante as performances, pretendem monopolizar a atenção do público: são bandas talhadas para shows. Outros, consideram o fato de pôr o público para dançar como garantia de que o trabalho está agradando: esses podem formar bandas de baile. Tenho a cuca muito fresca com relação ao tema, enquanto tocamos, por mim, o público pode ficar só ouvindo sem dançar, ou só dançar sem ouvir, pode conversar, pode namorar, o importante é que todos estejam na boa. Essa é um pouco a filosofia da Alma Beat, algo assim como a função do palhaço, tentamos ajudar a colocar um pouco de diversão na vida das pessoas, somos operários da música. [Rogério Rosa, comunicação por email em 29/06/2023]

Ele atuou na noite de Porto Alegre com a banda *Alma Beat*², na qual tinha a função de guitarra/violão base e vocalista. A banda tocava as músicas que, não coincidentemente, ajudaram a formar a base de minhas influências musicais. Lembro com carinho da

¹  Neil Sedaka - Laughter In The Rain (audio) .

² Alma Beat foi uma banda de Porto Alegre que atuou entre 1999 e 2017. Foi constituída pelos músicos: Rogério Rosa (voz e guitarra/violão), Paulo Grillo (guitarra solo), Iedo Silveira (baixo elétrico), Beth Kolbetz (teclas e percussão), Raulino Santos (bateria) e Edinho Espíndola (bateria) e com formação musical ligada essencialmente ao rock’n’roll internacional e nacional da década de 60, 70 e 80.

interpretação que eles faziam de "Summer Breeze"³, de Seals and Croft. A beleza da canção, a interpretação vocal de meu pai e a abertura de vozes me marcaram muito.

Uma das primeiras lembranças que tenho em casa, é a de meu pai ouvindo trechos de músicas em *loop*, por várias horas. Tempos depois, descobri que ele as estava tirando de ouvido. Em meados de 2002, quando eu tinha aproximadamente 6 anos de idade, meu pai começou a me ensinar a tocar violão, ele foi meu primeiro professor de música. Um dos principais aprendizados que herdei de meu pai, foi o de sempre procurar tirar as músicas de ouvido, sou muito grato a ele por isso. No início, tocava e ouvia as mesmas coisas que ele: Beatles, America, Roy Orbison, Rolling Stones... Quando comecei a desenvolver meus próprios gostos, comecei a me aproximar de outras sonoridades e aí veio a fase do metal, do funk carioca, do pagode e etc. Sempre me interessaram muito todos os instrumentos que fui conhecendo ao longo do caminho mas confesso que não lembro exatamente como fui parar no baixo elétrico, muito provavelmente foi culpa de Paul McCartney.

Meu pai é o grande responsável pelo músico que sou hoje, me guiando nos primeiros passos na música, apresentando minhas primeiras influências e ajudando a forjar minha essência musical. Tive o privilégio e a sorte de ter contado com ele nessa fase inicial da jornada na música, pois acredito que fui criado com referências maravilhosas e muito ricas. Nossa relação sempre foi fundamentada em basicamente dois pilares, o amor pela música e pelo Sport Club Internacional - esse, herdamos de meu avô, que na época da construção do estádio José Pinheiro Borba, chegou a levar areia de caminhão para a construção do nosso querido "Beira-Rio"-, nossa relação se fortaleceu através das notas musicais e nas arquibancadas da Av. Padre Cacique, 891.

Foi no colégio que tive a minha primeira banda com os amigos Gabriel de Bem, JP Siliprandi e Marcello Caminha Filho. Logo, minhas primeiras "gigs" aconteceram na escola, ainda na época do ensino fundamental e nelas, já empunhava o baixo elétrico. Tocamos algumas vezes em eventos da escola, também lembro com carinho da vez que tocamos em cima de um trio elétrico em um evento promovido pela Prefeitura da cidade (Música na Praça, talvez). Também lembro com nostalgia de quando tocamos em um festival de bandas no finado bar Manara. Fizemos relativo sucesso nessa noite, pois éramos a única banda de crianças e tocamos "Cowboy Fora da Lei" do Raul Seixas, "Meu Erro" do Paralamas do Sucesso e afins, em um festival de adolescentes e jovens adultos que tocavam hardcore, emocore e afins.

³ Alma Beat tocando "Summer Breeze" no bar *Sgt. Peppers* em Porto Alegre, 2009, disponível em <https://youtu.be/fLF4yourAA8>

Em meados de 2009, minha mãe pegou o cartão de um professor de música em uma loja de instrumentos musicais, mandou um email explicando que seu filho gostava muito de Iron Maiden e perguntou se ele poderia dar aulas de música. O nome do professor é Guilherme Macalós. Considero esse momento, um divisor de águas na minha trajetória musical, pois, ainda mais importante que os conhecimentos musicais, foi através dele que conheci o Tomás Lacerda⁴, compositor um pouco mais velho que eu com o qual eu tive a oportunidade de fazer minhas primeiras gigs fora de Porto Alegre; também foi o Guilherme quem apresentou e me vendeu a primeira interface de áudio e isso mudou absolutamente tudo, quando descobri que era possível gravar música sem sair de casa, sinto que meu universo se expandiu de uma forma que acredito não ser possível de descrever, tanto é que essa expansão acontece até hoje e seguirá acontecendo até o último segundo em que eu respirar nesse plano material.

Em 2014, ano em que completei 18 anos, passei um mês em São Paulo estudando no IAV (Instituto de Áudio e Vídeo), no curso "Fundamentos de Áudio e Acústica". Guardo com muito orgulho o certificado, pois foi um curso difícil com algumas provas práticas bem tensas, algumas contas matemáticas levemente assustadoras para uma pessoa que é péssima com os números e também, pelo fato de ter passado esse mês completamente sozinho, vivendo em um hostel, aos dezoito anos, na desafiadora Sampa. Quando voltei de minha aventura em São Paulo, cursei um semestre de Produção Fonográfica na Unisinos, na época em que o curso ainda ocorria lá no campus de São Leopoldo, mas me decepcionei com a experiência e ao final do semestre, abandonei a ideia de seguir por lá.

No final do ano de 2015, fui apresentado ao João Bertoi, tenho certeza que tê-lo conhecido também foi um momento marcante na minha trajetória. O João é produtor musical e *beatmaker*, ligado à cena do *rap*. Quando o conheci, ele e seu pai tinham construído um *home studio* no porão da casa em que moravam, era um espaço simples e pequeno mas fiquei extremamente impressionado em conhecer e perceber que eles o construíram com suor e carinho. Aquilo me impactou muito, João tinha um porão, alguns equipamentos de áudio, alguns microfones e um sonho, esse sonho tinha nome, a Trinca Records. Nós nos conectamos de uma forma difícil de explicar, coisa de filme mesmo, no porão de sua casa começamos uma parceria que logo depois se transferiu para o sótão da casa da minha mãe, lá a Trinca funcionou por aproximadamente 2 anos. Gravamos muita gente da cena do *rap* de Porto Alegre, foi um período de muito aprendizado e crescimento.

⁴ <https://soundcloud.com/tomaslacerda> - Link para acesso às músicas do Tomás.

O final de meu ciclo na Trinca também foi um momento de cogitar outros rumos na vida, tendo isso em mente, cheguei a cursar um semestre de Psicologia, na Uniritter, e foi justamente nessa época, em meados de 2017, que tomei conhecimento da existência de nosso querido curso de Música, com habilitação em Música Popular da UFRGS. Decidi, então, abandonar a ideia de ser um psicólogo infeliz em seu ofício e iniciei meus estudos para a prova específica e o vestibular. Tive a sorte e o privilégio de contar com a ajuda do meu talentoso amigo Augusto Santos, que já estava cursando MP. Sempre digo que sem ele, jamais teria tido a felicidade de passar na primeira tentativa de ingresso no curso. O Augusto me ensinou a ler partitura, juntos estudamos percepção e, como se não bastasse, ele arranjou duas peças em *chord melody* para violão, de modo que eu pudesse realizar a parte prática da prova específica. Sou eternamente grato a ele por tudo que fez nesse período.

No primeiro semestre de 2018, inicio minha trajetória no curso de MP e lembro como se fosse hoje da sensação de entrar pela primeira vez na sala do prédio da Reitoria. Uma avalanche de emoções me engoliu, a sensação de conquista, a imponência dos edifícios da UFRGS e da própria instituição, olhar o entorno e se ver cercado por gente que também respira e vive a música com intensidade e a memória que ficou mais forte de todas: "meus pais estudaram e se formaram nos mesmos prédios que hoje frequento como estudante".

Lembro com nostalgia dos primeiros 2 anos de curso, as aulas de percepção me trouxeram ferramentas extremamente úteis para o exercício do ofício de músico. As aulas do grande professor Celso Loureiro Chaves, que ao saber da minha paixão pelos Beatles, me presenteou com as folhas impressas da transcrição em partitura de todos os instrumentos da gravação original de "*Dear Prudence*", do lendário "Álbum Branco", de 1968.

O primeiro semestre da disciplina de Prática Musical Coletiva, com o professor Luciano Zanatta, também foi um momento singular. Nunca vou esquecer da aula em que ele nos propôs uma série de desafios de composição como, criar uma música que não sai do lugar, criar uma música sem o uso da comunicação verbal, compôr uma música em 1 minuto e houve um exercício (que não vou me recordar qual era) que resultou no "Punk do R.U.", no qual falávamos na letra que o R.U. do Campus Saúde era melhor que o do Centro. Vai ficar na memória a imagem do Zanatta com um largo sorriso e batendo cabeça enquanto tocamos nosso punk. Ao final do semestre tivemos a experiência de apresentar o trabalho no auditório do Instituto de Artes. Foi muito bacana a quebra de expectativa do público que aquele dia se deslocou para assistir um concerto na universidade e acabou se deparando com uma apresentação conceitual onde, em uma determinada música, invertemos a forma de tocar o instrumento (o destro tocou feito canhoto e vice-versa), a troca de instrumentos entre a banda

e, é claro, o já clássico "Punk do R.U."

Nunca me esquecerei do dia em que a professora Luciana Prass levou o Luís Vagner, Guitarreiro, para conversar com a gente na aula de Música Popular do Brasil. Conheci um pouco do trabalho do Luís Vagner quando meu pai, em 2010, gravou um **disco de releituras** com a colaboração do Renato Mujeiko, baixista, produtor musical, que realizou a produção e mixagem das releituras. O material foi constituído por um repertório de músicas da preferência de meu pai como, "Your Song", do Elton John, "Bluebird", do Paul McCartney, "Just the way you are", do Billy Joel, "Exaltação", do Nei Lisboa, "Lotta Love", da Nicollete Larson, "Espanhola", de Flávio Venturini e a maravilhosa canção intitulada "Como?", do Luís Vagner. Quando conheci a canção, foi amor à primeira vista. "Como?" é uma balada da mais alta qualidade, daquelas músicas que te tocam fundo, cavam um lugar cativo no coração e na alma.



(Foto com Luis Vagner na aula de MP do B, Acervo pessoal)

O Renato Mujeiko é um músico muito importante na minha caminhada musical, não é sempre que temos o privilégio de ter uma relação de amizade com as nossas referências e posso afirmar que tenho essa felicidade. Ter a oportunidade de vê-lo atuando como baixista e produtor musical é algo que considero relevante para a minha trajetória e desenvolvimento como músico. Acho legal observar que quando o Renato está no palco ou em sessões de gravação em estúdio, é visível a satisfação e a felicidade em suas feições. Essa expressão de amor pela música e de estar exercendo o ofício são características que admiro para além da questão técnica e musical. Conversar sobre música com ele é sempre um aprendizado enorme, o considero um de meus professores e sou grato por poder acompanhar seu trabalho de perto.

Em 2019, através do curso de MP, fiquei sabendo de uma oportunidade de estágio no estúdio da Prefeitura de Porto Alegre, no estúdio Geraldo Flach. Fiz o "concurso" para o

estágio e fui o candidato selecionado para o mesmo. Permaneci 2 anos como estagiário do estúdio e foi um período muito bacana com os queridos Marcos e Paulinho, pessoas maravilhosas cuja convivência me rendeu aprendizados e belas memórias. Ao final do mesmo ano, tive a oportunidade de conhecer a Austrália por 2 meses. Antes da viagem, já havia começado a fazer algumas "gigs" pelos bares da cidade e estava tendo minhas primeiras experiências sob o aspecto profissional como baixista. Lembro que ao final de minha estadia no país dos cangurus, começaram as notícias de um vírus que se espalhava em nível mundial e quando retornei ao Brasil, já havia significativa consciência de que iríamos enfrentar uma pandemia.

Confesso que o período de ensino remoto do curso de MP, foi um momento bem complicado. Essa foi uma época de algumas mudanças significativas em minha vida pessoal e muitos questionamentos e incertezas se estabeleciam em mim. Foi quando eu já não tinha convicção de que iria até o fim da graduação em música que conheci a Dy Ferranddis. Ela, então, trouxe outra perspectiva e ressignificou minha relação com o curso. Nada acontece por acaso, existe um propósito pelo qual as pessoas entram e saem da nossa vida.

Ao final do curso, a cadeira de "Prática de Canto Popular", da professora Caroline Abreu, também foi um momento especial: a oportunidade de interpretar canções para os colegas, sob a tutela de uma mentora com vasto conhecimento da voz na qualidade de instrumento musical. Foi uma experiência muito engrandecedora que não poderia ter acontecido em melhor momento, pois foi um belo exercício de conexão com a prática da interpretação de canção em seu formato mais intimista, voz e violão.

Tendo em vista as vivências e subjetividades que me trouxeram até aqui, no presente trabalho desenvolvi duas composições autorais como objeto de pesquisa, *Inerte* e *O Pescador*, além de duas interpretações das canções "Margarita" e "Como?" dos compositores *Fito Paez* e *Luis Vagner*, respectivamente. Discorro sobre os processos que dão origem às minhas canções e sobre minha relação com as canções dos compositores escolhidos. Minhas composições e seus respectivos registros marcam o fechamento de um ciclo que se iniciou há mais de duas décadas com as primeiras ideias que constituem as canções *Inerte* e *O Pescador*, ao mesmo tempo que encerram minha caminhada como aluno do curso de Música, com habilitação em Música Popular, da UFRGS.

capítulo um - as composições

Me recordo que no início de minha trajetória no curso de Música, com habilitação em Música Popular, da UFRGS, ouvi do professor Luciano Zanatta que um dos grandes objetivos do curso era oferecer ao aluno as ferramentas para que o mesmo pudesse encontrar-se e descobrir-se sob a perspectiva artística na música. Confesso que por causa dos rumos que foram acontecendo e se modificando em minha vida desde o momento em que ingressei na universidade, talvez eu tenha me afastado um pouco desse objetivo ao longo da minha caminhada.

Mas vi a chegada desse fim de ciclo da graduação como uma oportunidade de olhar para minha trajetória e trazer à tona algumas das diferentes facetas que explorei ao longo de minha jornada na música até aqui, tendo como objetivo principal, a produção de dois fonogramas de minha autoria à nível de pré-produção e duas interpretações de canções significativas na minha jornada musical. Em um primeiro momento, pensei na possibilidade de fazer absolutamente todo o processo sozinho, mas acredito que a música é entidade de luz que une pessoas e merece ser compartilhada sempre que possível. Sendo assim, nada mais justo do que contar com a colaboração das pessoas que ajudaram a moldar a pessoa e o músico que hoje conclui a Graduação em Música, com habilitação em Música Popular.

1.1. inerte

inerte⁵

carrego o medo nas costas
 olho pra trás a cada passo
 escolho os meus caminhos
 ando sempre apressado

meu *beim*, às vezes sinto que não vai dar pé
 eu sei que é, chegada a hora de andar sozinho
 então abraço o invisível no caminho
 teus cachos são a rota que preciso

pra continuar, acreditar
 acreditar

mesmo assim, inerte em qualquer lugar
 mesmo assim, inerte querendo encontrar (2x)

devagar, prefiro divagar
 a coragem no brilho da lua
 toda noite vem lembrar
 que a vida é brisa leve e num segundo passa

pra continuar, acreditar
 acreditar

mesmo assim, inerte em qualquer lugar
 mesmo assim, inerte querendo encontrar (2x)

calma, se a ansiedade é o que rege tudo
 prefiro ver o mundo feito um estrangeiro
 prefiro ver o mundo feito estrangeiro

⁵ <https://drive.google.com/file/d/1rJHniuxaEIVzov0ojvxcTvMumYYBjinJ/view?usp=sharing>.

Inerte nasceu há quase duas décadas, uma das minhas primeiras tentativas de criação de canção. Nessa época eu fazia aulas de música com o Guilherme Macalós. As aulas dele fugiam daquele lugar comum do(a) professor(a) que ensina a ler partitura ou que fala apenas da parte teórica por meses, antes mesmo de deixar o aluno colocar as mãos no instrumento. Pelo fato de ser compositor, o Guilherme sempre trabalhou e incentivou muito o lado criativo dos alunos. Além da questão musical e de ter me apresentado a primeira interface de áudio com a qual tive contato, também foi nas suas aulas que se iniciou essa curiosidade de explorar um pouco o mundo da composição.

O texto da canção é atravessado por três grandes "divisores d'água" para chegar em sua forma final. O fato que inspirou a primeira estrofe, a origem do refrão e o fato do mesmo ter sido modificado muitos anos depois, e por fim, a chegada da minha companheira Dy Ferranddis em minha vida (os dois últimos estão interligados). Acredito que nada que acontece em nossa jornada no mundo material é por acaso. Essa canção ficou guardada na gaveta por todos esses anos, pois as vivências e subjetividades para dar sentido a ela, ainda não haviam sido experienciadas.

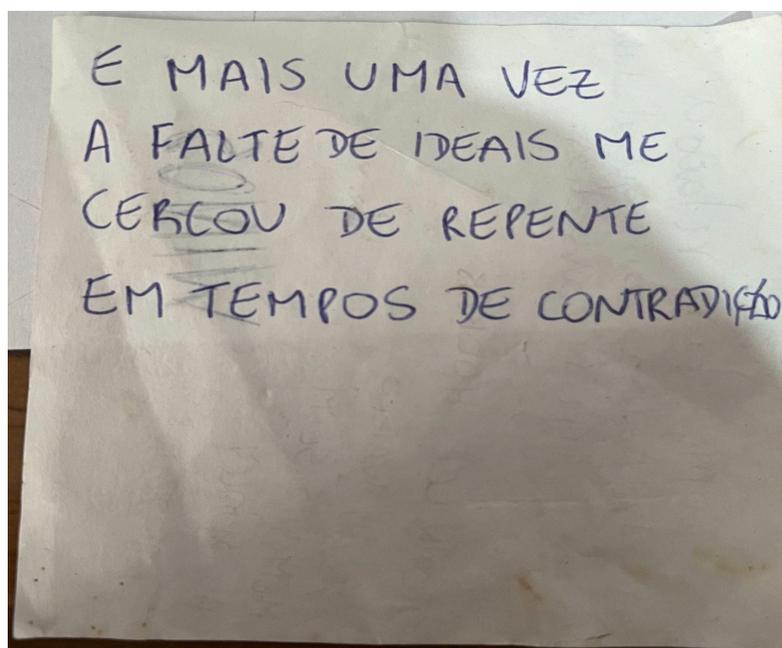
A história que originou a primeira estrofe do texto é, no mínimo, curiosa. Em 2010, eu e minha mãe fizemos uma viagem para Buenos Aires, me recordo que tínhamos comprado, lá mesmo, uma filmadora barata para fazer alguns registros da viagem. Em um determinado momento, nosso itinerário era uma visita guiada na *Bombonera*, o tradicional estádio do *Club Atlético Boca Juniors*. O bairro no qual o *Boca* disputa suas partidas chama-se *La Boca*, região da cidade marcada por dificuldades econômicas e violência. Durante a visita à parte interna do estádio, como bom entusiasta do futebol, procurei filmar cada pedaço da grandiosa *Bombonera* e estava me sentindo absolutamente extasiado com a experiência. Quando estávamos deixando o estádio rumo à parada de ônibus, dois meninos nos abordaram com o velho truque de pedir as horas e quando dei por mim, a mochila que eu carregava nas costas era agora objeto de um cabo de guerra que o argentino estabeleceu comigo. Ficamos alguns segundos em disputa pela guarda da mochila, até que o *hermano* teve a ótima sacada de me desferir um soco no rosto, e apesar de ter resistido por mais alguns segundos, acabei cedendo. Lá se foi a câmera com todas as imagens que havia gravado do espetacular estádio e junto dela, minha vontade de seguir conhecendo a fascinante Argentina. Quando retornamos ao Brasil, o evento vivido em *La Boca* rendeu alguns pequenos traumas que me acompanharam por algum tempo, o medo de andar na rua, o hábito de olhar para trás constantemente e a fobia

de que algo de ruim poderia acontecer a qualquer momento. A experiência e o sentimento com o qual convivi por algum tempo, foram a semente do texto de *Inerte*.

A ideia que inspirou o refrão da canção veio, é claro, das aulas de física na escola. Embora, consciente da importância da matéria, sempre a detestei, assim como todas as matérias das ciências exatas. Recordo que quando aprendi o conceito físico da inércia, por intuição e tentativa de suportar o assunto, busquei fazer uma analogia sob um ponto de vista mais subjetivo e humano

Lembro de ter me identificado com o conceito da inércia, me sentia assim naquele momento da vida e confesso que ainda me senti identificado com esse sentimento por mais algum tempo mesmo após concluir minha jornada escolar.

Assim como muitas composições, *Inerte* passou por muitas tentativas de escrita de texto, os versos sempre foram escritos sob perspectivas bastante negativas, segue alguns exemplos:



(Arquivo pessoal, rascunho de uma das tantas tentativas pessimistas de letrar a canção)

Quando recentemente decidi retomar o trabalho de composição me deparei com um dilema bastante interessante, pois embora ainda compreenda o sentimento que foi combustível para a origem do texto, já não me sinto mais da mesma forma. Muitas coisas aconteceram, muitos movimentos foram colocados em prática e muitos outros me atravessaram. Esse foi um belo exercício composicional, tendo em vista o distanciamento temporal, tudo que foi vivido e o fato do sentimento que foi combustível para a criação da canção não existir mais, se não, em minha memória. O plano, então, passou a ser a transformação do texto para uma óptica um pouco mais otimista, em uma tentativa de trazer perspectivas atuais que conferem outros olhares e subjetividades ao texto, propondo ao ouvinte, soluções para as questões apresentadas na primeira estrofe.

Em sua essência, *Inerte* nasceu na tristeza, sendo assim, não é possível imaginar uma estética musical que difere ou sugere algo diferente desse sentimento nas estrofes principais da canção. O sentimento "melancólico", na minha percepção, é traduzido harmonicamente pelos acordes de C#m7(9) seguido de F#m7(11) que acontecem na primeira metade da quadratura da introdução. Na segunda metade, o F#m7(11) é substituído em sua qualidade de acorde menor para seu equivalente maior F#(11), movimento que confere uma sensação "aérea" e de suspense ao final do texto introdutório, deixando assim, muitos caminhos abertos para o seguimento da canção.

C#m7(9)

Carrego o medo nas costas

F#m7(11)

Olho pra trás a cada passo

C#m7(9)

Escolho os meus caminhos

F#(11)

Ando sempre apressado

No entanto, o caminho escolhido para a exposição da primeira estrofe é a manutenção do sentimento de origem da canção, com a adição de dois acordes na progressão que agora se apresenta na primeira metade da quadratura com a seguinte configuração harmônica: C#m7(9), G#m7(b13), F#m7(11) e B4(7/9). Para a conclusão da metade final da primeira estrofe a progressão harmônica se mantém com uma única diferença, a supressão do último acorde, o F#m7(11) torna-se o acorde de transição para o "pré-refrão".

C#m7(9) G#m7(b13) F#m7(11) B4(7/9)
 Meu beim, às vezes sinto que não vai dar pé
C#m7(9) G#m7(b13) F#m7(11)
 Eu sei que é, chegada a hora de andar sozinho
C#m7(9) G#m7(b13)
 Então abraço o invisível no caminho
F#m7(11)
 Teus cachos são a rota que preciso

É nesse momento que uma mudança harmônica mais impactante se faz necessária, tendo em vista que o texto da primeira estrofe termina com o princípio de uma solução para as questões apresentadas até então. O acorde de A(9) acaba tornando-se o agente da criação de uma atmosfera que apresenta os seus primeiros sinais de otimismo, sendo assim, a ponte da canção é constituída pela seguinte progressão de acordes: A(9), B(11) e F#(11). O caminho desenhado pela harmonia tem como objetivo sublinhar um novo sentimento apresentado no texto, conferindo uma perspectiva otimista à canção, de modo que constrói-se um ambiente de construção de expectativa para a narrativa musical e seu texto.

A(9) B(11)
 Pra continuar, acreditar
F#m7(11)
 Acreditar

Proponho aqui, uma pequena interrupção no processo de descrição da forma atual em que a canção se encontra hoje, com o objetivo de trazer um recorte de como a mesma se encontrava em seus estágios iniciais. Creio que essa volta no tempo é importante para a visualização e melhor compreensão dos rumos que *Inerte* está tomando nos dias atuais. Nos estágios iniciais da composição as estrofes possuíam apenas dois acordes: C#m7(9) e F#(11); a parte B da música também possuía dois acordes: A(9) e B(11). O escasso vocabulário harmônico passou despercebido nos primórdios da criação, porém, com o passar do tempo se tornou um grande problema e por muito tempo me senti preso nesse limbo criativo, sem conseguir encontrar soluções musicais que trouxessem movimento para minha criação. Não conseguia encontrar caminhos tanto para a música quanto para o texto e foi por essa razão que a ideia ficou "engavetada" por todo esse tempo.

Nada é por acaso, acredito que nunca havia me sentido preparado para ir até o fim de sua criação, pois muitas vivências ainda eram necessárias para o seguimento do processo de

sua composição. Uma dessas vivências foi a entrada de minha companheira Dy Ferranddis em minha vida, são dela os cachos que aparecem e dão início ao sentimento de reação proposto no texto. Acredito também que as experiências musicais vividas entre o surgimento de *Inerte* e seu estágio atual, foram importantes para que eu pudesse encontrar as soluções para conferir movimento à música. Também foi em uma troca de ideias com a Dy, que visualizei uma organização para a estrutura da canção e a partir dali o processo reencontrou seu fluxo criativo de forma natural, a sensação de que as coisas voltaram a se encaixar sob uma nova perspectiva. As experiências vividas na construção diária de nosso relacionamento tornaram-se a inspiração para as soluções que eu não conseguia encontrar, por motivos óbvios, a chegada da Dy era necessária para trazer o aspecto de leveza e otimismo em minha narrativa.

Voltando ao processo recente, estava mostrando para a Dy algumas ideias para a canção e mostrei para ela o refrão que eu tinha até então:

"Mesmo assim, inerte em todo lugar
Mesmo assim, inerte em qualquer lugar"

Ela me chamou a atenção para o aspecto repetitivo da ideia, a repetição das palavras tornava o refrão desinteressante, além da perspectiva de total desesperança dos versos. Juntos tentamos encontrar solução para o problema diagnosticado e foi nesse momento que algumas palavras vieram ao meu encontro. Nessa noite surgiu uma nova versão de letra do refrão:

"Mesmo assim, inerte em qualquer lugar
Mesmo assim, inerte querendo encontrar"

Como pano de fundo para o refrão, decidi que precisava de um material musical que representasse o conceito de inércia de alguma forma, a solução que encontrei foi a repetição de dois arpejos usando as notas E, Bb, F# seguido de G#, e C# , Bb, F# seguido de E; que costuram melodicamente Mi maior e Dó sustenido menor, respectivamente. Acredito que a manutenção das notas Bb e F# e a proximidade das notas que se movimentam, criam um equilíbrio entre a sensação pessimista de se sentir inerte e o movimento de tentar reagir a esse sentimento.

E(9/b5) C#4(6)
 Mesmo assim, inerte em qualquer lugar
E(9/b5) C#4(6)
 Mesmo assim, inerte querendo encontrar
E(9/b5) C#4(6)
 Mesmo assim, inerte em qualquer lugar
E(9/b5) C#4(6) F#(11)
 Mesmo assim, inerte querendo encontrar

Na segunda estrofe, a intenção foi explorar imagens que antagonizam com as ideias expostas no texto da introdução e de parte da primeira estrofe, porém sem abandonar o caráter reflexivo que procurei trazer para a temática da canção.

Após a repetição final do refrão, tive a sensação de que precisava de uma parte contrastante às partes apresentadas até então. No primeiro verso da última estrofe o material se mantém igual e para a exposição da temática do último verso da canção, achei apropriado uma modulação para o campo harmônico de Dó maior com a seguinte progressão de acordes: Cmaj7, Bm7, Em7 e Em6. Acredito que a mudança de centro tonal fortalece a chegada de uma nova temática para o texto, por mais que a segunda estrofe e a final tenham traços semelhantes em sua temática, penso que a canção encontra um desfecho em sua estrofe final, gosto de pensar que o desfecho encontrado é comparável ao meu tipo favorito dos finais de filmes, que são aqueles que te dão apenas uma porção da resposta mas deixam algumas lacunas na imaginação.

C#m7(9) G#m7(b13) F#m7(11)
 Calma, se a ansiedade é o que rege tudo
Cmaj7 Bm7(9) Em7 Em6
 Prefiro ver o mundo feito um estrangeiro
Cmaj7 Bm7(9) Em7 E(9)
 Prefiro ver o mundo feito estrangeiro

1.2. o pescador

o pescador⁶

se o barco não alcança mais a margem
 e saudade agora insiste em ancorar
 abro os olhos, no horizonte, o alto mar
 acalma meus anseios, um convite à navegar

de todo o oceano sem fim
 e toda correnteza que há
 é tão fácil perceber
 que aos teus pés eu vim parar

fecha os olhos
 você vai me ver
 nos dias de mar revolto
 nas noites de lua cheia

sob a estrada
 o barco vai passar
 com a força de um cata-vento
 na direção da estrela Dalva

Para falar de *O Pescador* é preciso trazer recortes importantes para sua origem. A inspiração para essa criação são os meus avós paternos e mais especificamente, meu avô. Nasci em fevereiro de 1996. Na época, minha avó, Otalvina, recém havia descoberto um tumor. A batalha durou longos 5 anos. Infelizmente, não tenho muitas memórias de minha avó, mas possuímos uma conexão espiritual muito forte. Não tenho dúvida de que nossa relação vem de encarnações anteriores e irá se estender por tantas outras. Meu pai e minha tia Luciéri sempre dizem que fui uma grande alegria na vida de minha avó e ajudei, de certa forma, a amenizar um pouco o período doloroso de sua luta contra o câncer, em seus últimos anos nesse plano material.

Meu avô Ourique foi e sempre será um espírito muito especial para mim. Nessa

⁶ <https://drive.google.com/file/d/12fMwNStzr73Ajl7n245MTHoCX39Xr96/view?usp=sharing>.

encarnação, tive o privilégio de ter estado em sua companhia por 20 anos e espero ter desempenhado com alguma competência a missão a mim designada pelo plano espiritual para essa experiência junto ao meu avô no mundo material, pois tenho absoluta convicção que ele cumpriu a sua.

Minha relação com meu avô tem como um de seus cenários a cidade litorânea de Tramandaí/RS. Foi lá que passamos lindos momentos juntos e também era lá que Ourique praticava uma de suas maiores paixões: a pescaria.



(Acervo pessoal, carteirinha de sócio de meu avô da plataforma de Tramandaí/RS)

Além da pesca, meu avô também tinha relação especial com a música. Sempre que estava na minha companhia ou na de meu pai, pedia para que tocássemos violão. Uma das canções que ele adorava era o clássico do sertanejo “raíz”, O Menino da Porteira⁷. Sempre que havia um violão por perto, eu tocava o ponteado que dá início à canção e seu Ourique sempre ficava maravilhado. Me lembro que meu avô sempre pedia que eu e meu pai levássemos nossos violões para a churrasqueira do condomínio Mar Negro, para que tocássemos e cantássemos para seus amigos e vizinhos da praia. Eu raramente atendia ao pedido por causa da timidez, mas nunca vou me esquecer que no seu último verão, com certeza que não coincidentemente, eu e meu pai atendemos ao pedido e tocamos algumas músicas pro seu Ourique e seu amigos. Ele se orgulhava muito e fazia questão de exibir seus músicos.

Foi nesse verão que meu avô nos disse: "Se eu soubesse tocar violão, colocaria ele nas costas e iria pro mundo, tocando e pedindo carona". Não é nada fácil, meu avô, mas tô

⁷ [O menino da porteira](#) - Interpretação do clássico sertanejo gravada pelo cantor Daniel.

tentando por nós. Acredito que também foi nesse verão que vivemos a história que inspirou a letra da canção. Meu avô tinha um barquinho de pesca com seu motor e em um determinado dia, decidi me levar para um passeio de barco onde acredito ser a Lagoa dos Barros. Esse foi um momento muito lindo e simbólico de nossa relação. Nunca vou me esquecer do barquinho passando por trás das casas e suas garagens náuticas, os cata-ventos que se enxergam da estrada, nosso barquinho passando por debaixo da estrada na altura do pórtico de entrada de Tramandaí.

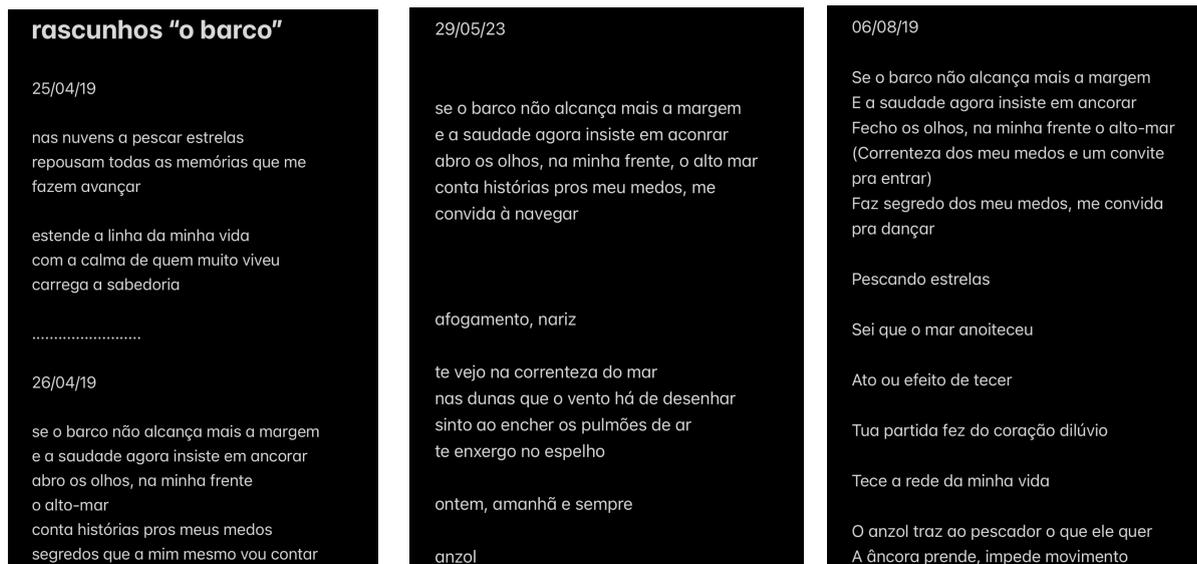
Conforme a idade de meu avô avançava e os problemas de saúde se acentuavam, comecei a me preparar para o momento de desencarne do meu avô. Sei que pode parecer estranho falar em "se preparar" para perder alguém sem que haja um quadro agudo que justifique isso, mas também sabia que quando o dia chegasse, seria disparado o dia mais difícil da minha vida, e assim foi. Seu Ourique, tinha um coração muito grande, metafórica e literalmente, isso não fazia com que ele cuidasse muito mais de sua saúde. Meu avô viveu as coisas que quis até o final da vida e talvez seja isso que o tenha levado de volta ao plano espiritual.

O desencarne dele aconteceu no dia 20 de maio de 2016. Nesse dia experimentei a dor mais profunda que vivenciei até hoje. Nesse momento, o fato de ter me preparado espiritualmente para passar por essa experiência e a fé no reencontro através da reencarnação, foram as ferramentas que me ajudaram a enfrentar e a lidar com a passagem dele.

Algum tempo depois, senti a vontade de tentar eternizar a relação de amor que vivemos através de uma canção. Lembro de estar no Sótão recordando do nosso passeio de barco na Lagoa dos Barros, quando me veio a imagem que gerou as frases iniciais da canção:

**"Se o barco não alcança mais a margem
E a saudade agora insiste em ancorar"**

À época, lembro de ter achado bonitas as frases iniciais que encontrei naquele momento de inspiração. Assim como foi o caso de Inerte, tentei dar seguimento à ideia por diversas vezes, porém sem sucesso. Tenho registro de algumas dessas tentativas:



(Arquivo pessoal, bloco de notas do celular)

Hoje, olhando para as letras dos rascunhos, acredito que a maioria dos versos não traduziam a imagem daquela tarde na Lagoa dos Barros, talvez por isso a canção não tenha encontrado o seu caminho. A solução que encontrei foi pintar a imagem de forma praticamente literal:

"Sob a estrada
O barco vai passar
Com a força de um cata-vento
Na direção da estrela Dalva"

No final de 2023, em uma conversa com meu pai, mostrei a ele a gravação da canção ainda em desenvolvimento. Naquele estágio do processo, a música ainda não tinha o verso final da estrofe. Mostrei a ideia que tinha até então: "na direção da estrela Dalva" e comentei que queria trazer minha avó para a letra da canção mas não estava satisfeito com a ideia que tinha em mãos. Falamos sobre o desafio de conseguir traduzir e sintetizar as ideias para os versos das canções e sobre como é bonita a habilidade do(a) letrista que consegue escrever um verso capaz de transmitir a mensagem desejada, porém sem ser literal, criando, assim, uma margem para que o ouvinte possa entender da forma que lhe convier, conforme suas vivências e visões de mundo. Alguns dias depois, ainda com as ideias discutidas em mente, finalmente encontrei minha tentativa de escrever um verso menos literal comparado à sua versão anterior e a estrofe completa ficou assim:

Fmaj7

Fecha os olhos

Dm7(9)

Você vai me ver

Bbmaj7

Nos dias de mar revolto

Dbmaj7(13)

Nas noites de lua cheia

Fmaj7

Sob a estrada

Dm7(9)

O barco vai passar

Bbmaj7

Com a força de um cata-vento

Gm7(9) A4(7/b9) A(7/b9)

No espelho, os teus olhos a nos guiar

Bbmaj7

De todo o oceano sem fim

C/Bb

E toda correnteza que há

Dm7(9) Am7/C

É tão fácil perceber

Bø

Aos meus pés teu desaguar

Fmaj7 Dm7(9) Bbmaj7 Gm7(9) A4(7/b9) A(7/b9)

Tudo que preciso, um refúgio à beira-mar

Fmaj7 Dm7(9) Bbmaj7 Gm7(9) A4(7/b9) A(7/b9)

Tudo que eu quero, o anzol vem entregar

A harmonia da canção é bastante simples, na tonalidade de Fá maior, com o único adendo do acorde dominante dos versos ser o dominante do 6º grau da tonalidade. Quando o segundo verso da canção aparece:

Fmaj7

Fecha os olhos

Dm7(9)

Você vai me ver

Bbmaj7

Nos dias de mar revolto

Dbmaj7(13)

Nas noites de lua cheia

Quando a frase "Nas noites de lua cheia" aparece, senti a necessidade de sublinhar a letra com um acorde que causasse um certo impacto no ouvinte, um movimento harmônico que fosse minimamente "surpreendente". A solução que encontrei foi o acorde não-diatônico representado pelo **Dbmaj7(13)**. Na minha visão, o acorde cria uma atmosfera de mistério nesse momento da canção.

Para a repetição da segunda estrofe, uma nova harmonia que começa com o baixo pedal seguido de um movimento de baixo descendente que encerra com o acorde de Si meio diminuto. Também modifiquei a melodia do trecho em comparação à primeira vez em que ela é apresentada.

capítulo dois - o sótão, os equipamentos e as pré-produções

2.1. o sótão

Quando era adolescente, eu e minha mãe nos mudamos para uma casa na Zona Sul da cidade de Porto Alegre. Na época, a casa possuía dois andares e ao saber que algumas casas do condomínio possuíam um sótão, ela decidiu que seria um bom investimento construir um também. Inicialmente o espaço seria utilizado para abrigar o imenso acervo de vinis e de livros de minha mãe, além de ser um espaço de lazer, é claro. Acredito que a ideia nunca chegou a ser colocada em prática, logo que nos mudamos, minha mãe mandou revestir com espuma acústica um dos quartos da casa e por consequência, o sótão acabou se tornando uma extensão da sala de baixo, começava a tomar forma uma espécie de "home studio".

Foi nesses dois espaços que vivi grande parte da minha adolescência, passava os dias e noites com algum instrumento no colo, explorando o universo da música, do áudio e experimentando, com gravações de ideias e criatividade.

Ao longo dos anos, o sótão foi um local no qual muitas pessoas gravaram. Além das pessoas que vinham fazer gravações na época da Trinca Records, foram gravados projetos que fiz parte ao longo de minha caminhada na música, como "Remanso", composição do meu pai, e até uma sessão de gravação de colega da Música Popular para seu projeto de conclusão do curso.

Infelizmente, aconteceu um momento de ruptura na minha relação com esse espaço tão querido por mim e ele acabou sendo cada vez mais subutilizado. Mas não coincidentemente, ao longo do processo de escrita do presente trabalho, decidi reativar o espaço. Com a ajuda de minha mãe e da Dy, pintamos e organizamos todo o lugar. Esse movimento de retomada é muito simbólico, pois é a reconexão com aquela fagulha de amor à música, de curiosidade, criação que é meu lugar no mundo.

Nesse espaço, nasceram as composições que são objeto de pesquisa de meu projeto de conclusão e nada mais justo do que o sótão ser o local de grande parte da gravação das pré-produções das canções.

2.2. os equipamentos

Para fins de gravação das canções, possuo um par de monitores de referência da KRK Rokit 6. Porém, tendo em vista que não possuo um ambiente com tratamento acústico, se faz necessário recorrer ao recurso do fone de referência que, no caso, o que possuo é o AKG K240, e de fones de ouvido de uso comum. A questão da sala onde é realizado o processo de mixagem, é um assunto muito sensível. Quando não se trabalha em um ambiente tratado, é necessário conhecer a sala em que se está trabalhando e a experiência para conseguir alcançar resultados satisfatórios. Acredito que esse é um outro grande desafio de meu objeto de pesquisa, pois, embora tenha realizado alguns processos de mixagem aqui no sótão, nunca consegui resultados que me deixassem minimamente satisfeitos.

A interface de áudio é a EVO 8, que possui 4 canais XLR/P10 e uma entrada com a impedância adequada para gravação de instrumentos de corda, em linha, duas saídas estéreo e duas saídas de fone. Outro recurso interessante dessa interface é o *smart gain*. Trata-se de uma função que faz um ajuste automático de ganho, quando ativada.

Os microfones que disponho são o condensador AKG P420 e os dinâmicos, AKG D5, Shure SM57 e 58.

O computador utilizado é um *MacBook Pro*, a *DAW (Digital Audio Workstation)* que utilizo é o *Logic Pro X*. Acredito que a diversidade de instrumentos virtuais e timbres seja uma das grandes características do *Logic*. O acervo de simuladores de amplificador de guitarra e baixo também são ferramentas muito interessantes para o processo criativo. Penso que outro atrativo do *software* é que uma vez que você faz a compra de sua licença, recebe as atualizações do programa sem custo.

2.3. as pré-produções

2.4 inerte⁸

O processo de registro dessa canção acabou se mostrando bastante complexo por uma série de fatores, sendo o primeiro deles, o fato de que já havia realizado diversos experimentos e tentativas de gravação dessa música, o que me trouxe algumas dificuldades em me desfazer de alguns vícios de concepção que possuía na minha abordagem para ela. A segunda dificuldade se deu no fato de que quando comecei a pensar e experimentar ideias de arranjo, talvez tenha faltado sensibilidade de perceber que o processo de composição ainda não estava completamente concluído. O terceiro fator (conectado ao anterior) foi a dificuldade em separar os processos de composição, arranjo e produção. Para conseguir enxergar isso, contei com a ajuda do Renato Mujeiko que, ao ouvir um *bounce* da gravação, me chamou a atenção para me atentar à divisão das etapas, pois naquele momento a confusão que estava acontecendo se traduzia no resultado final da ideia.

O retorno do Renato foi essencial para que eu conseguisse ir em frente com a construção da produção de Inerte. Eu realmente estava me sentindo bastante perdido no processo e não estava conseguindo enxergar que tentava compor, arranjar, produzir e mixar ao mesmo tempo, como se quisesse fazer um "*download*" mágico da produção. Seguindo seu conselho, dei um passo para trás e revi a harmonia da canção, com a intenção de deixar mais em evidência a tonalidade dos versos.

C#m7(9)
Carrego o medo nas costas
F#m7(11)
Olho pra trás a cada passo
C#m7(9)
Escolho os meus caminhos
F#(11)
Ando sempre apressado

⁸  [inerte.wav](#) - Pré-produção de minha composição "Inerte"

C#m7(9) G#m7(b13) F#m7(11) B4(7/9)

Meu beim, às vezes sinto que não vai dar pé

C#m7(9) B9 A9

Eu sei que é, chegada a hora de andar sozinho

C#m7(9) G#m7(b13)

Então abraço o invisível no caminho

F#m7(11)

Teus cachos são a rota que preciso

A(9) B(11)

Pra continuar, acreditar

F#m7(11) A(9) B(9)

Acreditar

F#(11)

Acreditar

E9(+11) E(+11) C#6(11) C#m(6)

Mesmo assim, inerte em qualquer lugar

E9(+11) E(+11) C#6(11) F#7(11)

Mesmo assim, inerte querendo encontrar

C#m7(9) G#m7(b13) F#m7(11) B4(7/9)

Devagar, prefiro divagar

C#m7(9) B9

A coragem no brilho da lua

A(9)

Toda noite vem lembrar

C#m7(9) G#m7(b13) F#m7(11)

Que a vida é brisa leve, num segundo passa

A(9) B/A G#m7(b13) C#m7(9) B(9)

Pra continuar, acreditar

A(9) B/A G#m7(b13) C#m7(9) B(9)

Acreditar

E9(+11) E(+11) C#6(11) C#m(6)

Mesmo assim, inerte em qualquer lugar

E9(+11) E(+11) C#6(11) F#7(11)

Mesmo assim, inerte querendo encontrar

E9(+11) E(+11) C#6(11) C#m(6)

Mesmo assim, inerte em qualquer lugar

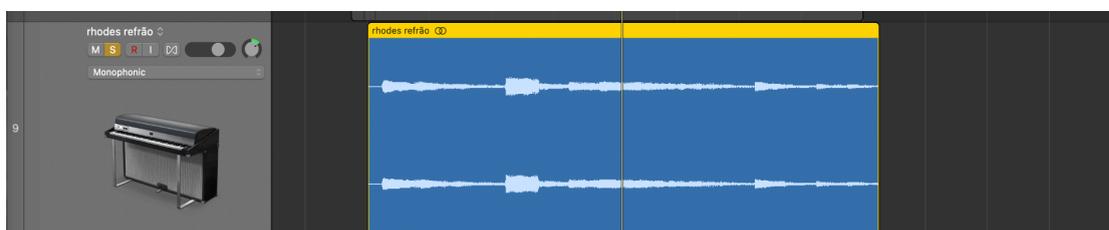
E9(+11) E(+11) C#6(11) F#7(11)
 Mesmo assim, inerte querendo encontrar

C#m7(9) G#m7(b13) F#m7(11)
 Calma, se é ansiedade o que rege tudo
Cmaj7 Bm7(9) Em7 Em6
 Prefiro ver o mundo feito um estrangeiro
Cmaj7 Bm7(9) Em7 Em6
 Prefiro ver o mundo feito estrangeiro
Cmaj7 Bm7(9) Em7 Em6
 Prefiro ver o mundo feito estrangeiro
Cmaj7 Bm7(9) E7+(9)
 Prefiro ver o mundo

Nos versos, após a conclusão da primeira quadratura, a sequência de acordes que antes se repetia, agora dá lugar aos acordes **B(9)** e **A(9)**, penso que essa escolha confere mais movimento à harmonia, além de sublinhar a tonalidade da música, que flutua entre o Mi maior e o Dó sustenido menor.

Outra modificação que achei interessante fazer foi na repetição do pré-refrão, onde decidi substituir o **A(9)** e **B(9)** pela sequência **A(9)**, **B/A**, **G#m7(b13)**, **C#m7(9)** e **B(9)**. A intenção da mudança foi a de criar um contraste com o primeiro momento em que o pré-refrão é apresentado, além de conferir maior movimento harmônico para a canção.

No que diz respeito ao arranjo, o refrão foi a primeira parte na qual consegui chegar na sonoridade que queria. Em outras tentativas de gravar a canção, o violão era o elemento responsável pela função harmônica da canção, porém, para chegar na sonoridade desejada, o violão deu lugar ao piano elétrico. Acredito que por influência de uma das minhas bandas favoritas, os norte-americanos do "Copeland", experimentei inverter o áudio do piano elétrico no refrão, como é possível visualizar nas imagens abaixo:



Waveform do piano elétrico em seu estado "natural"



Waveform do piano elétrico invertida

O resultado sonoro desse efeito é muito interessante, mas a consequência é a perda do senso de harmonia do trecho, para preencher a lacuna deixada, tive a ideia de acrescentar um violão de aço e um nylon com o dedilhado que havia concebido para o refrão no processo de composição da canção. Para distribuir os violões de forma equilibrada na imagem estéreo, gravei o mesmo dedilhado duas vezes no violão de aço posicionando o primeiro na esquerda e o segundo na direita, repetindo o processo para o violão de nylon. O resultado final é um violão de aço sendo dobrado pelo nylon na esquerda e na direita do plano estéreo.

Após ter chegado nessa sonoridade, já não conseguia mais visualizar um timbre de baixo elétrico para preencher a região grave do refrão e decidi experimentar alguns timbres de *synth bass*. Encontrei o "Sublevel Bass" um timbre nativo do *Logic*, com bastante subgrave, uma espécie de *808*.

Satisfeito com o arranjo do refrão, passei a pensar o arranjo para as outras partes da música, tendo como referência a sonoridade alcançada no trecho. Comecei a trabalhar no arranjo dos versos e, para seguir em frente com o processo, entendi que era preciso pensar o elemento percussivo do arranjo. Comecei então a programar ideias de levadas de bateria com os kits de baterias virtuais do *Logic* e, após muitas tentativas, não consegui pensar em uma ideia que me deixasse satisfeito. Angustiado com a situação, tive a ideia de chamar meu grande amigo e parceiro Nychollas Cardozo que, além de um excelente baterista e produtor musical, o Nycho foi um dos primeiros bateristas com quem toquei na minha jornada na música e é um cara em quem confio muito, para além da admiração que possuo pelo músico. Ele foi até o Sótão para me ajudar a destravar essa parte do processo, não preciso nem dizer que o Nycho gravou a levada de bateria na controladora em pouquíssimos minutos.

Tendo em vista nossa paixão em comum pelos processos de gravação e produção, era literalmente impossível que a gente não se empolgasse no processo, decidimos realizar a

sessão de gravação de bateria no *home studio* do Nycho.



(Arquivo pessoal, gravação da bateria de Inerte no *home studio* do Nycho, 23/12/23)

O Nycho tem uma bateria Mapex com um timbre maravilhoso e costuma usar peles porosas nas peças, o que traz aquele timbre “clássico”, macio e lindíssimo do instrumento. Como é possível observar na foto acima, a configuração usada foi bumbo, caixa, tom, surdo, chipô, prato de ataque e de condução. Juntamos os nossos equipamentos para conseguir fazer a melhor captação possível da execução. Sendo assim, para a microfonação do bumbo, usamos um microfone Shure que acredito ser oriundo de um kit de microfones para bateria da marca (confesso que não sei o nome do modelo do microfone mas é adequado para microfonação de bumbo), na caixa, usamos o Shure SM58, no chipô, posicionamos o Shure SM57, posicionamos um microfone condensador AT2020 entre a caixa e o chipô para testar a sonoridade e, tendo em vista que já havíamos coberto essa região com o AT2020, posicionamos os *overs* de uma forma um pouco diferente, um microfone condensador em cima do prato de condução e do surdo, para finalizar, um condensador B2 da Behringer centralizado e acima do kit. Para conseguir gravar os seis canais simultaneamente, fiz um *aggregate*, da minha interface de áudio Evo 8, que possui 4 entradas de microfone com a Scarlett Solo, do Nycho, que possui uma entrada de microfone e outra em nível de linha

(acredito que o SM57 do chipô tenha ficado nesse canal).

Chamei o Nycho para me ajudar com essa parte da produção, pois tinha absoluta certeza que ele era o músico ideal para colaborar comigo neste processo, tendo em vista que ele é um baterista que joga para o time, tem ótimas ideias e noção de tempo impecável. Obviamente, não foi necessário fazer qualquer tipo de edição na execução gravada por ele. O resultado final da gravação ficou muito bacana e nos deixou muito satisfeitos. Deixo aqui registrada minha gratidão ao Nycho por toda a ajuda durante o processo de gravação de *Inerte*. Sem ele, tenho certeza de que não teria alcançado um resultado que tenha me deixado tão feliz quanto o que alcançamos juntos. A dinâmica da bateria do Nycho foi essencial para a continuidade do projeto.

A gravação do baixo elétrico para os versos e para a parte "C" da canção acabou se mostrando um desafio. Justamente por ser meu instrumento, o excesso de autocrítica muitas vezes se torna um empecilho. Sempre que pego o baixo para uma *gig* ou gravação, me lembro de Paulo Roberto Falcão, grande ídolo e um dos maiores jogadores da história do Internacional, que diz que aos primeiros toques na bola sabia se jogaria bem ou não. Tem dias que as ideias não encontram seu fluxo, se faz necessário dar um passo para trás e tentar novamente e foi essa a estratégia que usei para chegar no resultado final do registro do baixo.

Para gravar o baixo, utilizei um *Fender Jazz Bass* passivo. O timbre que escolhi foi o conhecido entre baixistas como “som de *Precision*”, que é basicamente abrir o captador do braço e muito pouco ou nada, o da ponte.

Sobre a voz, a gravação que ficou foi a da etapa de gravação da guia do projeto, isso se deu pelo fato de que as demais etapas levaram mais tempo do que o planejado, além de não ser o foco do presente trabalho.

2.5 o pescador⁹

Trabalhar no registro dessa canção foi, definitivamente, a parte mais especial de todo o processo do presente trabalho. Decidi que para a produção de *O Pescador*, eu utilizaria majoritariamente os instrumentos virtuais nativos do *Logic* ou de minha biblioteca pessoal de *plugins*. Tomei essa decisão por duas razões: para tentar alcançar uma sonoridade a qual não estou acostumado a trabalhar, ao mesmo tempo que me desafiava ao não poder recorrer aos instrumentos tradicionais que costumo utilizar no dia-a-dia; a segunda razão é a otimização que a utilização dos instrumentos virtuais proporcionam dentro de uma produção, pelo fato de que é possível encontrar os timbres praticamente prontos para a gravação e pela maior facilidade de edição das execuções através da linguagem *MIDI* que os instrumentos virtuais utilizam.

O primeiro passo foi a gravação da guia da canção. Para realizá-la, utilizei um dos timbres do *Serum* que é um *plugin* que o Nycho instalou no meu computador durante as gravações de *Inerte*. Esse *plugin* possui uma vasta biblioteca de timbres sintetizados, entre *pads*, *leads*, *synth bass* e etc.

No geral, para a gravação da guia de uma faixa, não é necessário muito preciosismo para a escolha do timbre do instrumento que servirá de base para a gravação do restante do arranjo, tendo em vista que, em muitos casos, esse elemento será regravado ou até substituído. Sendo assim, o que realmente é essencial é que a execução esteja bem feita. Porém, nesse caso, gostei tanto do timbre escolhido para a gravação da guia que ele acabou se tornando o elemento responsável pela função harmônica da canção.

Após a gravação do *pad*, gravei a voz guia da canção e comecei a trabalhar no arranjo dos outros elementos. Optei por utilizar uma levada de bateria bem simples, utilizando um kit formado por um timbre de bumbo da biblioteca de kits de bateria eletrônica do *Logic*: o sample escolhido foi o *Ibiza*, a caixa é do kit *Liverpool* de baterias acústicas, os tons da parte instrumental da canção são do sample *Deep Blue* e também são da biblioteca de bateria eletrônica, os pratos utilizados também são do sample de bateria *Liverpool*.

Com a voz guia, o *pad* e a bateria definidos, comecei a trabalhar na linha de *synth bass*, tendo em mente o contraste desejado em relação à levada de bateria simples em 4/4. A ideia era criar uma linha de baixo sintetizado com bastante movimento, para isso, procurei utilizar bastante saltos de 8ª justa e aproximações cromáticas nas notas alvo.

⁹  o pescador (final).wav - Pré-produção de minha composição "O Pescador".

Durante o processo de registro dessa canção, a Dy avistou um DVD na casa de minha mãe. Nele, imagens de quando eu era criança na casa de meus avós. Trouxemos o DVD para nossa casa e o assistimos, inspirado pelo show "Pé de Acerola" que a Dy realizou como seu projeto de conclusão de curso, decidi extrair o áudio do vídeo e selecionei alguns trechos de falas de meus avós para serem incorporados no início, meio e fim da canção. Esse foi o momento mais significativo e emocionante de todos na construção de meu trabalho de conclusão, pois confesso que não lembrava que possuía esse registro da voz falada de seu Ourique e Dalva em mãos.

Adorei o resultado dos áudios como parte do projeto, pois eles trouxeram todo um significado e aprofundaram ainda mais minha relação com a canção. O trecho que escolhi para colocar no meio da canção foi um improviso cantado do seu Ourique, o que me fez lembrar que ele fazia isso às vezes: pequenos improvisos que ele criava para expressar algo que talvez não fosse tão simples de falar, era uma das formas que ele encontrava de demonstrar afeto. Também fiquei muito feliz com a oportunidade de aproximar ainda mais minha avó ao processo. Quando estava separando os áudios, me deparei com uma risada maravilhosa de ambos, o riso que eles tentaram, sem sucesso, segurar, agora faz parte da canção e sempre estará ali para que eu possa desfrutá-lo.

Depois de ter vivido a emoção de ter feito a colagem dos áudios na canção e de escrever sobre o processo de composição dela, me dei conta que não faria sentido a música que escrevi em homenagem ao meu avô não ter nenhum violão no arranjo. Então decidi por arranjar o "refrão tardio" com o instrumento. Acredito que seja uma bela forma de encerrar a canção. Fico me imaginando tocando a canção para meu avô, na sala de seu apartamento no Edifício Mar Negro.

Percorrido o caminho de materializar *O Pescador* para o mundo, percebo que precisava criar esse "lugar" de refúgio que a canção representa para mim, esse pequeno fragmento representado pela música é uma expressão de minha profunda gratidão e amor pelos momentos vividos com Dalva e Ourique.

2.6. margarita¹⁰

Faz alguns bons anos que o compositor argentino Fito Páez¹¹ passou a ter lugar cativo no meu panteão de artistas. Me cativa muito a forma irreverente com a qual ele construiu sua obra e foi através dela que conheci um pouco dos ritmos e da rica cultura musical de nosso país vizinho, a Argentina.

Fito e eu temos uma coisa em comum: o amor por Margarida e ele eternizou o sentimento por sua filha na canção "Margarita", segunda faixa do disco "Yo Te Amo", lançado em 2013. Desde que conheci a canção, sempre me identifiquei muito com sua letra e passei a ter um carinho especial por essa música do repertório dele.

Quando tive a ideia de finalizar minhas composições e refletir quais canções tinham significado especial a ponto de justificarem sua presença aqui, tive a certeza de que “Margarita” era a escolha ideal.

Embora a letra da canção tenha sido escrita para sua filha, sinto que ela traduz muito bem o sentimento de minha relação com minha mãe. Fito foi muito feliz ao conseguir abordar temas como amor, amizade, lealdade e fé diante das adversidades, de forma tão sensível e bonita.

Minha mãe é uma guerreira, superou momentos difíceis sem nunca deixar de lado o cultivo da nossa relação, com a dedicação e resiliência que só as mães são capazes de tirar de lugares que muitas vezes nem existem. Além de compreender o caminho por mim escolhido, sempre foi grande apoiadora e incentivadora. A escolha de trazer “Margarita” é uma celebração de nossa amizade e uma pequena tentativa de expressar meu amor e gratidão a essa grande mulher a qual admiro muito e que tenho o privilégio de chamar de mãe e grande amiga.

Desde de que decidi que iria interpretar essa canção, já havia começado a explorar algumas ideias de arranjo para o piano, explorando alguns *voicings* que julguei interessantes. O desafio de pensar e executar essas ideias foi bem bacana. Embora não seja um instrumentista das teclas, tenho grande apreço pelo instrumento e acredito na importância do contato com ele por parte de qualquer profissional da música, independente de qual seja seu instrumento de atuação. Ao final do processo de arranjo e gravação do piano, fiquei bastante

¹⁰ ■ margarita.wav - Minha interpretação de “Margarita” do Fito Paez

¹¹ No momento não poderei desenvolver em detalhes, mas é importante citar o movimento artístico de resistência à Ditadura Militar Argentina no qual o Fito esteve inserido.

satisfeito com o resultado alcançado e feliz por ter conseguido materializar as ideias que eu não tinha certeza se teria sucesso por não ser um músico que estuda o instrumento de forma sistemática ou rotineira.

Depois de gravado o arranjo de piano, o próximo passo foi a gravação das vozes. Pude contar com a colaboração da Dy, que com muita paciência me ajudou com a parte técnica da gravação, “pilotando” o *Logic* e contribuindo com suas opiniões durante o processo de gravação. Foi muito bom ter contado com a ajuda da Dy nesse momento do projeto, pois acredito que era uma das partes que estava mais inseguro para realizar, e tê-la junto, ajudou muito a tornar a experiência mais leve e gostosa, acabou se tornando um momento divertido que vou guardar com muito carinho quando lembrar das experiências vividas ao longo dessa caminhada de encerramento de ciclo na graduação.

Algum tempo depois de ter gravado a voz, achei que gravar alguns *backings* iria enriquecer um pouco mais o resultado final do registro. Sendo assim, gravei algumas segundas vozes nas frases que achei que poderiam ficar mais bonitas com o colorido de uma voz de fundo, tendo como referência o arranjo da faixa original.

O resultado final de minha interpretação de “Margarita” ficou mais intimista, apenas com piano, voz principal e segunda voz, em contraste à gravação original¹² do Fito, que possui um arranjo *pop*, solar e extrovertido.

O que mais me deixou satisfeito nessa parte do processo foi ter conseguido superar muitas inseguranças e questões de autoconfiança que muitas vezes acabam me vencendo e que me impedem de explorar um pouco mais esse instrumento tão interessante que é a voz cantada. Depois dessa experiência, me sinto instigado a procurar estudar mais o instrumento através de aulas, pois ao ouvir o resultado final da gravação, tenho absoluta consciência do meu desconhecimento técnico. Mas, afinal de contas, quase sempre é preciso iniciar do zero e quando algo te tira da zona de conforto e te faz encarar questões de medo e inseguranças, muitas vezes esse é um indicativo de que é o caminho certo para o crescimento.

Em conclusão, fico satisfeito e orgulhoso dos fantasmas superados para chegar no resultado que apresento nessa singela interpretação.

¹²  Fito Paez - Margarita (Official Video) .

2.7. como?¹³

Conheci esta linda balada do compositor Luis Vagner¹⁴ em 2010, na voz de meu pai¹⁵, Rogério. Na época, ele e Renato Mujeiko estavam gravando algumas músicas e recordo que me apaixonei por “Como?” desde a primeira escuta. A sensibilidade traduzida na canção de nosso *Guitarreiro* me tocou profundamente.

Quase 10 anos depois, através da professora Luciana Prass, tive a oportunidade de conhecer Luís Vagner pessoalmente, em uma aula de Música Popular do Brasil. Foi uma tarde muito especial na qual tive o prazer de conhecer um pouco mais a pessoa e as histórias por trás desse artista tão importante para o swingue nacional. No livro *Suingue, Samba-Rock e Balanço* (KUSCHICK, Mateus Berger, 2013), o autor discorre sobre a estreita relação entre Luis Vagner e Jorge Ben Jor, época em que exerceram influência musical mútua que foi representada nas composições “Luis Vagner Guitarreiro”, de Jorge Ben e retribuída por Luis Vagner, com “Tomazo, Menino Mestiço”.

A escolha da canção também se justifica pelo simbolismo de ser mais uma maravilhosa canção introduzida a mim através de meu pai, vejo como uma oportunidade de celebrar nossa relação forjada através das paixões pela música e pelo futebol. Tive o privilégio de ter tido meu pai como primeiro professor de música, com isso, entrei em contato com um vasto repertório de maravilhosas canções que formaram a base do músico que sou hoje.

Meu pai é um músico talentoso, sou grato por ter sido criado tendo a oportunidade de ver e ouvir suas interpretações de canções de outros compositores e também o processo de composição de suas próprias músicas.

Em contraste ao arranjo que o Renato Mujeiko fez e da interpretação incisiva de meu pai, decidi fazer minha interpretação de maneira mais intimista, apenas voz e violão. Contei com a ajuda da Dy, que fez as operações técnicas da gravação. Iniciei o processo com a gravação do violão, seguido do registro da voz e depois, gravei um segundo violão para distribuí-los para os lados na imagem estéreo, deixando mais espaço para a voz no centro.

¹³ ■ como? 20.01.23.wav - Minha interpretação de “Como?”, do Luis Vagner.

¹⁴ No momento não poderei desenvolver em detalhes, mas é essencial citar a importância do Luis Vagner no contexto do movimento Black, Funk, Soul, Suingue e Samba-Rock brasileiro. O Luis teve grande papel na disseminação da riquíssima cultura negra, patrimônio fundamental da cultura brasileira.

¹⁵ ■ Como?.wav - Interpretação de meu pai, Rogério Rosa. Arranjo, produção e mixagem por Renato Mujeiko.

considerações finais

Ao cruzar a linha de chegada, olho com orgulho a minha trajetória até aqui. As incontáveis horas dedicadas à música se sustentam pelo mesmo amor que muito provavelmente antecede essa encarnação. Foi movido por esse sentimento que trilhei uma linda caminhada de aprendizado, lindas vivências e pessoas queridas que o curso de Música, com habilitação em Música Popular, me proporcionou.

Fazendo o recorte sobre o presente trabalho, chego à conclusão que talvez não tenha conseguido alcançar, por completo, os objetivos traçados na época de seu planejamento, tendo como exemplo a denominação utilizada para a forma final que as canções de minha autoria alcançaram ao final do processo. Ao longo do trabalho, escolhi o termo “pré-produção” para apresentar minhas composições. Hoje percebo que talvez o termo “laboratório” seja mais adequado, tendo em vista os rumos tomados durante o processo e o resultado final, mais “rústico” do que o imaginado, quando o projeto ainda se encontrava no campo das ideias.

Tenho certeza que as inseguranças, medos e dúvidas superadas ao longo do processo me trouxeram um grande crescimento através do autoconhecimento obtido em todas as etapas vividas. Me sinto muito grato, realizado e feliz, encerro meu ciclo dentro do curso de Música levando comigo experiências que levarei com muito carinho e certamente, sigo minha trajetória infinitamente mais enriquecido.

referências:

JOEL, Billy. The Stranger. Columbia Records, 1977, CD.

JOHN, Elton. Elton John. 1970, CD.

KUSCHICK, Mateus Berger. Suingue, Samba-Rock e Balanço. Músicos, Desafios e cenários. Editora Medianiz, 2013.

LARSON, Nicolette. Nicolette. Warner Records Inc., 1978, CD.

LISBOA, Nei. Pra Viajar no Cosmos não Precisa Gasolina. Antídoto, 1983, CD.

MCCARTNEY, Paul; WINGS. Band on The Run. Apple Records, 1973, CD.

PAEZ, Fito. Yo Te Amo. Sony Music Entertainment Argentina, 2013, CD.

VENTURINI, Flavio. Nascente. EMI Records Brasil Ltda, 1981, CD.